

O AMANUENSE BELMIRO: ARTIMANHAS DE UM NARRADOR -ESCRITOR

Ildemburgo Frazão Felix - Unigranrio

Resumo: O trabalho que aqui se apresenta intenta implementar discussões sobre a presença da burocracia como tema no romance *O amanuense Belmiro* e a utilização da primeira pessoa como elemento ficcional estratégico dessa obra ficcional de Cyro dos Anjos que teve seu lançamento, na década de 1930, no segundo ciclo do modernismo brasileiro.

Palavras-chave: O amanuense Belmiro; burocracia; estratégias ficcionais

ABSTRACT: *AMANUENSE BELMIRO AND THE ARTIFICES OF A WRITER-NARRATOR*

This work intends to be an instrument to discuss the presence of *bureaucracy* as a theme in *O Amanuense Belmiro* - romance by Cyro dos Anjos. The study also consider the use of the 'first person' as an important fictional element, in this book published in the second cycle of the Brazilian Modernism Movement, in the 1930's.

Key-words: *O Amanuense Belmiro* ; bureaucracy ; fictional strategies

Introdução

O primeiro romance do escritor mineiro Cyro dos Anjos¹, *O amanuense Belmiro*, lançado na década de 1930, foi bem recebido pela crítica. Embora ainda permaneça sendo lembrado como um dos mais importantes escritores por estudiosos como Antônio Cândido, os leitores em geral e mesmo o público o universitário dos cursos de Letras - mais diretamente interessado na leitura de textos ficcionais-, pouco têm recebido informações sobre suas obras, embora haja alguns importantes trabalhos

¹ *Abdias* e *Montanha* completam a trilogia romanesca de Cyro dos Anjos.

sobre as mesmas. A confusão acerca da obra romanesca de Cyro dos Anjos passa da ignorância em relação à efetiva leitura de sua obra ao excesso de conhecimento biográfico por parte de seus principais e sérios comentadores. A primeira questão relativa ao *desconhecimento* como aqui se entende o termo, leva a afirmativas equivocadas como a de uma repórter do Jornal do Brasil, à época da morte do romancista. A jornalista afirmou que Cyro dos Anjos era um poeta.² Ora, *Os poemas Coronários*, com tiragem reduzidíssima, que o próprio Cyro dos Anjos distribuiu a poucas pessoas, não o inserem no rol dos poetas, nem mesmo a jornalista internalizara tal possibilidade. A confusão, como se pode inferir, se dá em relação ao sobrenome do poeta de *Eu e Outros Poemas*. Por sinal, Augusto dos Anjos, que conviveu em vida com inúmeras dificuldades financeiras, hoje, tem seu nome bastante conhecido, inscrito na lista dos melhores poetas brasileiros, em detrimento do romancista Cyro dos Anjos, que viveu sob os aplausos dos amigos e da crítica e que, *imortal*, ainda passa por esses equívocos.

A afirmativa acerca do prestígio da obra romanesca de Cyro dos Anjos nos meios acadêmicos, concomitantemente à lembrança de sua pouca popularidade, não se invalida pelo fato de os romances receberem novas edições. O nome de Cyro dos Anjos ainda é prestigiado. Mas os comentários mais recentes sobre sua obra, entretanto, surgem menos por sua qualidade ficcional que por uma espécie de mito acadêmico. Se existem outros inúmeros exemplos de tais *mitos*, sabe-se também que a rediscussão do cânone, ainda presente no centro das principais questões literárias, pode funcionar também como reorientadora da posição tanto dos *mitos* que se encontram ainda ocultos no emaranhado confuso da memória, quanto daqueles que esperam resgate nas franjas do esquecimento, para lembrar de Walter Benjamin. Na perspectiva deste artigo, a tríade romanesca de Cyro dos Anjos, composta por *O Amanuense Belmiro*, *Abdias* e *Montanha*, figura tanto no primeiro caso quanto no segundo. Ou seja, quando o autor é lembrado, sua imagem fica imersa na confusão canônica da tradição e nas tentativas abruptas de encontrar, muitas vezes a fórceps, algo de inusitado no *front* líquido e veloz

² Ver: *Jornal do Brasil*, 22 de junho de 1995: Cito aqui o trecho: "*Risonho e - como é comum em outros grandes intelectuais - frequentemente recorrendo à memória da esposa (...) [Sábato Magaldi] vestirá na próxima terça-feira [o fardão], quando assumirá a cadeira de Júlio Ribeiro na ABL, vaga desde a morte do poeta Cyro dos Anjos*". Embora tenha escrito *Poemas Coronários*, não é como poeta que Cyro dos Anjos se destaca.

das novidades contemporâneas, para lembrar também de Zygmunt Bauman. (Ver: BAUMAN, 2001)

Intenta-se, neste artigo, retomar discussões sobre um dos temas fundamentais para o entendimento da obra de Cyro dos Anjos: a burocracia. Iniciando com um comentário de Roberto Schwarz sobre esse assunto no romance *O amanuense Belmiro*, o presente artigo tratará da imaginação influenciada pela burocracia e do uso da primeira pessoa como estratégias ficcionais importantes para a construção do romance.

Um narrador-escritor

Belmiro Borba, narrador-protagonista do romance *O amanuense Belmiro* personagem mais conhecido de Cyro dos Anjos, é um funcionário público (um amanuense) que mora com duas irmãs, na rua Erê, no centro de Belo Horizonte, na década de 30. Convivendo também com o papagaio Tomé, que todos os dias o chama de “excomungado”, o “quarentão” Belmiro escreve um diário contando os acontecimentos de seu cotidiano. Suas reflexões compõem efetivamente a narrativa do romance e relatam o convívio com seus contemporâneos, mostrando sua maneira um tanto reclusa de viver e sua imaginação fértil, que substitui, muitas vezes, a realidade e faz dele um personagem “sui generis”, semelhante a (um) D. Quixote. O próprio Belmiro, em alguns momentos da obra, se compara a esse conhecido personagem de Cervantes e, mais, se autodefine como um esteta. O protagonista de Cyro dos Anjos afirma, utilizando o pensamento de seu amigo, o personagem Silviano, que seu grande problema é o “Fáustico”, fundado em uma existência estrangulada pelo conhecimento. Mais que viver o cotidiano, na leitura aqui realizada, o personagem-narrador o inventa. E tal invenção se organiza a partir de uma orientação burocrática, calculada com precisão tal que, em vários momentos quase ultrapassa os limites do verossímil. A burocracia portanto - com a racionalidade e o sentido de organização que lhes são inerentes-, participa não apenas do cotidiano do personagem, mas, principalmente contribui em sua autocriação.

O comentário de Roberto Schwarz sobre a presença da burocracia em *O amanuense*, que se utilizará a seguir, serve para ratificar a importância da mesma para a construção de *O amanuense Belmiro*. Mas, pretende-se, aqui, propor uma leitura menos

centrada na burocracia como tal, que com o reflexo que deixa nas atitudes tomadas pelo “narrador-autor”. Há que se esclarecer, de imediato, que não se busca aproximar Belmiro Borba - entendido, aqui, como autor ficcional-, do autor “oficial”, Cyro dos Anjos. Ao contrário, o que se diz, seguindo o próprio pensamento do personagem, é que, esteta, ele, o amanuense Borba, se autoconstrói, ao construir seu “diário-romance”.

“A pedra seca do amanuense é a burocracia”, assim Roberto Schwarz, já em 1966, se referia à função da burocracia frente à convivência cotidiana de Belmiro Borba, o protagonista mais famoso de Cyro dos Anjos, com planos opostos tais como: “o democratismo e o privilégio, o racionalismo e o apego à tradição”. (SCHWARZ, p. 169) O personagem, a partir desse prisma, tem na burocracia, simultaneamente, o seu ponto de toque com impulsos antagônicos e um refúgio em relação aos mesmos. Ou seja, para conviver com polos tão opostos, *para estar dos dois lados é preciso que Belmiro esteja, de algum modo, a salvo destes conflitos*. (SCHWARZ, 1966, p. 169) Isto está ligado, de acordo com o autor de *Ao vencedor as batatas*, ao fato de ser a sinecura uma extensão do privilégio rural, tornando-se assim o “posto menos urbano da cidade”. (SCHWARZ, 1966, p. 169) A sinecura, a possibilidade de trabalhar pouco ou nada e receber muito em troca, inerente ao funcionalismo público, de acordo com essas afirmativas de Roberto Schwarz, se assemelha aos privilégios costumeiros obtidos pelos latifundiários.

A permanência da tradição rural, em meio às próprias atitudes do personagem, no espaço urbano, se revela no privilégio que, embora pequeno, torna-se evidente. Através de um deputado, surge tal privilégio, o emprego de Belmiro Borba no funcionalismo público. Mas, ainda de acordo com Schwarz, por consciência, o personagem não pretende seguir o “ciclo natural, de trabalho, casamento e filhos”. (SCHWARZ, p. 169) Esse desvio, índice de modernidade no primeiro romance de Cyro dos Anjos, se apresenta como polo antagônico em relação ao privilégio profissional, contudo, com este convive.

A leitura de Roberto Schwarz aponta para a importância da burocracia enquanto temática em *O amanuense Belmiro*. E isso nos auxilia a ratificar a presença de uma “imaginação burocrática” em *O Amanuense Belmiro*. (FÉLIX, 1999) Tal tipo de

imaginação é entendido aqui enquanto maneira radical, e, muitas vezes, inusitada de enfrentar o cotidiano por parte do protagonista. A narração em primeira pessoa possibilitou ao narrador de *O amanuense Belmiro* inverter a posição do privado no cotidiano do personagem Belmiro. Narrador e personagem, Belmiro Borba pratica sua escrita criando um romance que prima pela inexistência de tramas propriamente ditas. Pode-se dizer que é exatamente na ausência de enredo no romance de Cyro dos Anjos que se pode desvelar a trama que intriga o leitor atento.

A inexistência de um enredo propriamente dito fez com que alguns dos melhores comentadores do primeiro romance de Cyro dos Anjos buscassem saídas para justificar tal *anomalia*. A *intriga*, de acordo com Paul Ricoeur, faz surgir o necessário ou o verossímil do episódico. (JOBIM, 1994, p. 8) A própria estranheza causada pela precariedade do enredo em *O amanuense Belmiro* pode ser tomada como *fio da meada*, *a chave* para o entendimento da opacidade presente no cotidiano do protagonista Belmiro Borba.

Se o *nouveau roman*, através de escritores como James Joyce e Virgínia Woolf tornou recorrente a ausência de peripécias propriamente ditas no romance moderno, a *forma* de *O amanuense* induz menos a uma vontade de criar ou não um enredo que a uma capacidade criativa de Cyro dos Anjos de deixar tal hiato como provocação. A mestria da composição romanesca do criador de *Abdias* e *Montanha* se encontra nas entrelinhas da própria construção dos romances, na narração em primeira pessoa. (Ver: FÉLIX, 1994)

Estratégias ficcionais

Estudiosos importantes como Roberto Schwarz e Eduardo Portella buscaram suplementar as explicações acerca da ausência de tramas propriamente ditas em *O amanuense*. Plausível em relação à época em que os romances de Cyro dos Anjos foram lançados, tanto a fundamentação baseada na relação centro urbano X periferia rural (sustentada pela leitura de Schwarz); quanto a noção de psicologia da forma (implementada por Eduardo Portella) e, mesmo a noção de “movimento de balança entre o sonho e a realidade” (mantida pelo Professor Antônio Cândido), não trabalham com a possibilidade de que o estrategista Cyro dos Anjos tenha (conscientemente ou

não) moldado um personagem que cria em si mesmo um duplo. O trato de tal duplicidade na literatura brasileira não é novo. Silviano Santiago já demonstrara a existência desta em sua leitura de *O Ateneu*, quando toma o personagem Sérgio, em sua infância, como um *outro* em relação ao Sérgio-narrador, o protagonista já adulto. Em *O amanuense*, mais do que em *O Ateneu*, tal distinção torna-se o cerne mesmo da narrativa. Ou seja, se no romance de Raul Pompéia a distância temporal, manifestada pela vivência do personagem em momentos distintos (na infância e na maturidade, como ocorre com Bentinho e *D. Casmurro*), possibilita a visada do duplo, na criação do diário, Belmiro Borba oculta tal possibilidade.

O duplo em *O amanuense* se oculta nos artifícios mesmos da escrita. Isto só se torna visível, caso também se perceba também que toda a narrativa de Belmiro Borba é, em si mesma, uma reflexão em que o narrador se auto recria (ou auto-cria). Poder-se-ia dizer que essa perspectiva é inerente a qualquer ser humano e que a psicologia já a estuda há muito tempo. Mas não se trata, aqui, da interferência do inconsciente do personagem, e sim da prévia e estratégica concepção ficcional da *arquitetura* e do conteúdo do texto.

Ao invés de uma psicologia da forma, como a estudou Eduardo Portella (PORTELLA, 1978, p.67), mesmo que se possa entender tal *psicologia* pela visada de Kenneth Burke que, menos psicológica, tem sentido de retórica, (PAES, 1995, p. 106), apresenta-se aqui o viés da criação romanesca eficiente de um personagem que, escritor, conhece as artimanhas da primeira pessoa. Deve-se acrescentar, entretanto, que existem vários pontos de contato entre a leitura aqui realizada a partir do viés da “burocracia como imaginação” com trabalhos dos estudiosos brasileiros acima citados. (FÉLIX, 1999) Um desses pontos se revela, por exemplo, na seguinte afirmativa: “Os problemas não se equacionam em face dos conflitos do homem com a natureza, mas em função dos conflitos do homem com outros homens ou do homem consigo mesmo”. (.....) (PORTELLA, 1978, p. 67)

Contraponto importante para se reiterar a leitura aqui realizada, de acordo com o que se lembrou acima, encontra-se em *Dimensão I*, quando Eduardo Portella comenta sobre a proximidade do texto ficcional de *Ciro dos Anjos* com o ensaio. Embora não

esteja tratando especificamente do primeiro romance do autor, suas observações também a ele se referem. Ali, o estudioso, ao apontar para o moralismo presente na obra ficcional de Cyro dos Anjos, deixa pista inclusive para que se especule sobre a presença de uma *tese* nas entrelinhas do texto. (FÉLIX, 1994) Portanto, Eduardo Portella, estudioso que tem sido pouco citado nos debates literários dessa primeira década do século XXI, já inferia, de certa maneira, a existência de uma distância entre o narrador e o narrado que aqui se menciona. (Ver: FÉLIX, 1994) A percepção da existência do Belmiro Borba autor que tem como duplo o personagem Belmiro, aqui comentado, embora não se tenha baseado diretamente no texto de Portella, encontra nele respaldo importante. Entretanto, ao invés de buscar respostas na psicologia da forma (o que mereceria um estudo comparativo mais aprofundado), observa-se, a partir da inserção de Cyro dos Anjos no rol dos autores *estrategistas* realizada por Antônio Cândido – em seu fundamental artigo “Estratégia”-, a existência de um escritor-personagem que inscreve em seu diário uma espécie de tese *de si mesmo*. (CÂNDIDO, 1992, p. 79-85)

Caso se intentasse aqui invadir o campo do biografismo, poder-se-ia, para reiterar a presença do duplo (narrador-autor ficcional) Belmiro Borba, lembrar que antes mesmo de tornar-se protagonista de um romance, o personagem Belmiro Borba servia como pseudônimo do próprio Cyro dos Anjos. Quando, incentivado por amigos como Carlos Drummond de Andrade, o também mineiro e burocrata Cyro dos Anjos resolve transformar as crônicas que publicava nos jornais em romance, o personagem Belmiro, mais que embrião, já possuía algumas das características que seriam conservadas em *O amanuense*.

O mais interessante nessa possibilidade aberta pela ficção, citada acima – que consiste no desdobramento do narrador em dois outros de identidades diferentes, um escritor e um personagem propriamente dito –, surge no fato de que o primeiro escreve a partir de uma narrativa onde o “eu” do narrador, em primeira pessoa, em realidade, é suprimido. No lugar deste, um *outro* (o Belmiro-personagem) toma seu lugar. Enquanto vive, ao narrar-se, simultaneamente, o Belmiro-narrador se reconstrói e oculta através da construção proposital de sua própria identidade. O hiato caracterizado pela presença dessa estratégia ficcional quase é percebido nas obras de Cyro dos Anjos por seus

melhores comentadores, mas a falácia constituída a partir da *fé* na sinceridade da pessoa do discurso os tem desviado.

Conclusão

Há na obra ficcional de Cyro dos Anjos a presença de uma forte capacidade criativa que utiliza as engrenagens da burocracia e da primeira pessoa como estratégias para embasar a construção propositada de uma personalidade que, consciente ou inconscientemente, cria a si mesma. Melhor explicando, o narrador-personagem engendra uma estratégia para ocultar o fato de que, em realidade o texto que cria em seu diário não é efetivamente o retrato de sua vivência no cotidiano, mas suas reflexões sobre a mesma. Afirma-se, portanto, que o que se lê não são os acontecimentos vividos, mas inventados, a partir dessa mesma reflexão. Daí é que surge a estranheza da inexistência de algum enredo, de alguma intriga na obra. Na época de seu lançamento, entendia-se que havia ali um problema relativo à psicologia do personagem, que causaria as estranhezas anteriormente comentadas. Com o distanciamento permitido pela passagem do tempo e pelo surgimento de novas abordagens críticas, as estratégias ficcionais desse narrador-personagem de Cyro dos Anjos tornam-se mais visíveis. (Ver: FÉLIX, 1994)

Na leitura aqui desenvolvida, a primeira pessoa, em *O amanuense Belmiro*, torna-se um elemento fundamental na estratégia da autoconstrução ficcional e o tema da burocracia, analisado por Roberto Schwarz, a partir da relação do personagem com as engrenagens do funcionalismo público, surge como parceira nessa estratégia, pois, de acordo com a interpretação aqui realizada, o personagem é *contaminado* pela racionalidade, pela racionalidade inerente à burocracia.

O problema causador da maneira opaca como Belmiro Borba age no cotidiano, segundo o próprio narrador-personagem, estaria na exacerbação do uso do conhecimento. Ele se refere a esse problema como “problema fáustico”. Como se pode depreender nas reflexões aqui contidas, lembrando o mais importante artigo escrito sobre Cyro dos Anjos, de autoria de Antônio Cândido, é que Cyro é realmente um grande estrategista. O que escreve é realizado de maneira minuciosa. Seu Belmiro Borba é, em realidade, o escritor da obra.

Referências Bibliográficas

- ANJOS, Cyro dos. **O amanuense Belmiro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro, Zahar: 2001.
- CÂNDIDO, Antônio. Estratégia. In: _____. **Brigada Ligeira e outros escritos**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- FÁVERO, Afonso Henrique. **A prosa Lírica de Cyro dos Anjos**. USP, São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 153 fl. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira. e Bilenki, Marlene. *A poética do desvio. A forma do Diário em O amanuense Belmiro de Cyro dos Anjos*. São Paulo: USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1991. 232 fl. Tese de Doutorado.
- FÉLIX, Idemburgo Frazão. **Entrelinhas - A ficção em Cyro dos Anjos**. Rio de Janeiro: UERJ, IL - 1994, 209 fls. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira.
- _____. **Burocracia como Imaginação: três momentos da Literatura Brasileira e suas fronteiras**. Rio de Janeiro, UFRJ, Programa de Ciência da Literatura, 1999. 364 fl. Tese de Doutorado em Literatura Comparada.
- JOBIM, José Luiz. Paul Ricoeur: Narrativa, Leitura e Norma em *Temps et Récit*. In: *Cadernos de Mestrado / Literatura* 9. Rio de Janeiro: UERJ - IL, 1994.
- NOBILE, Ana Paula Franco. *Uma outra história para Cyro dos Anjos*. Interletras. Com.br. V. 2. N. 4. Jan/jun. 2006. Disponível em http://www.unigran.br/revistas/interletras/ed_anteriores/n4/arquivos/v4/cyrodosanjos.pdf. Capturado em 27/06/2010
- PAES, José Paulo. A hora e a vez do Leitor. In: _____. **Transculturais**. São Paulo: Ática, 1995.
- PORTELLA, Eduardo. **Dimensões I - Crítica Literária**. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

SANTIAGO, Silviano. **O Ateneu**. Contradições e perquirições. In: _____. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SCHWARZ, Roberto. **Sobre o Amanuense Belmiro**. In: *Revista Civilização Brasileira*. N° 8 Rio de Janeiro: Bertrand, 1966. .